

ARTE E ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESPAÇO URBANO DE VITÓRIA/ES: O DOCUMENTÁRIO *RISCADAS*

Gabriela Santos Alves¹
Karolyne Mendes²

Resumo: Propomos neste artigo uma reflexão sobre o ativismo feminino de artistas visuais mulheres no que tange ao enfrentamento à violência contra a mulher em Vitória/ES. Parte-se da análise do processo criativo e de realização do documentário *Riscadas*, de nossa autoria. No filme evidencia-se, por meio do trabalho artístico de três artistas visuais capixabas, o ato resiliente de permanência de corpos femininos diante das estruturas e espaços públicos da cidade, das formas de exclusões espaciais possíveis e do ato de ser mulher em um espaço urbano que não é convidativo para nós, através da proposta de enfrentamento à violência contra a mulher apresentada pelas artistas em suas produções.

Palavras-chave: Ativismo feminino; Artes visuais; Documentário; Violência contra a mulher.

Introdução

A violência contra mulheres e meninas no Brasil cresce a cada ano e poucas são as políticas públicas voltadas ao enfrentamento a esse tipo de infração aos direitos humanos no país (BUGNI, 2016). Em maio de 2017, o Governo Federal interino extinguiu o Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos e o reduziu

¹ Gabriela Santos Alves é professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pós doutora em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ). Realizadora audiovisual, atua como roteirista, diretora, curadora e cineclubista. É roteirista do documentário *Riscadas*. Áreas de interesse acadêmico: cultura audiovisual, feminismo, memória, gênero.

² Karolyne Mendes é aluna finalista do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Realizadora audiovisual, atua como diretora, fotógrafa e cineclubista. É diretora e roteirista do documentário *Riscadas*.



a uma secretaria, parte do Ministério da Justiça, o que causou uma redução significativa dos recursos e programas dedicados a salvaguardar os direitos femininos. Nesse cenário, alguns estudos, como os que apresentamos a seguir, apontam que a violência contra mulheres aumentou 24% durante a década anterior e confirmam que o Brasil é um dos piores países da América Latina para se nascer menina, em especial devido aos níveis extremamente altos de violência de gênero.

Vitória, capital do Espírito Santo, cidade onde moramos e onde construímos a pesquisa e a realização do documentário *Riscadas*, ocupa a 9ª colocação no cruel e alarmante ranking das cidades brasileiras com maiores índices de mortes violentas de mulheres no país entre o período de 2005 a 2015. Além disso, é a 2ª capital mais violenta do país para uma mulher, ficando atrás apenas de Maceió/AL (Ministério da Saúde, 2015).

Já o Atlas da Violência 2017, desenvolvido pelo Ipea e pelo FBSP, aponta que, ainda que a taxa de homicídio de mulheres tenha crescido 7,3% entre 2005 e 2015, é possível verificar uma melhora gradual, embora muito pequena, de 1,5%, entre 2010 e 2015. Essa diminuição, contudo, não se aplica ao compararmos as mortes de mulheres negras às de não negras. Enquanto a mortalidade de mulheres não negras teve uma redução de 7,4% entre 2005 e 2015, atingindo 3,1 mortes para cada 100 mil mulheres não negras – ou seja, abaixo da média nacional – a mortalidade de mulheres negras teve um aumento de 22% no mesmo período, chegando à taxa de 5,2 mortes para cada 100 mil mulheres negras – acima da média nacional.

Os dados indicam ainda que, além da taxa de mortalidade de mulheres negras ter aumentado, a proporção de mulheres negras entre o total de mulheres vítimas de mortes por agressão também cresceu, passando de 54,8% em 2005 para 65,3% em 2015. Em resumo, 65,3% das mulheres assassinadas no Brasil no último ano eram negras, na evidência de que a combinação entre desigualdade de gênero e racismo é extremamente perversa e configura variável fundamental para compreendermos a violência letal contra a mulher no país, onde as maiores taxas de letalidade entre mulheres negras foram verificadas no Espírito Santo (9,2), Goiás (8,7), Mato Grosso (8,4) e Rondônia (8,2) (Ipea, FBSP, 2017).

Nesse cenário, as mulheres negras e não negras encontram-se em situações de marginalização, exclusão e potencial violência, em especial quando transitam no espaço público das cidades. Casos de assédio moral, físico e sexual são relatados com frequência por mulheres de todas as idades e classes sociais. Nesse espaço urbano, que



em geral possui ruas, avenidas, bustos e monumentos com nomes de homens e em homenagem a eles, andar pelas ruas e se sentir segura nelas é um ato feminino de resistência e um modo de sobrevivência em uma sociedade patriarcal.

Entendemos a marginalização e exclusão feminina dos espaços públicos e urbanos como uma das ferramentas do patriarcado, por sua vez compreendido como uma estrutura social e cultural excludente e que constrói práticas cotidianas a fim de favorecer sua perpetuação e, por consequência, as relações desiguais entre os gêneros, estabelecidas muitas vezes a partir de situações de violência física e/ou simbólica, contra as mulheres.

Na luta pelo fim dessas desigualdades e discriminações, o feminismo e a teoria feminista se constroem como um empenho ético e um movimento social que objetiva evidenciar as múltiplas formas em que essas práticas, ao que comumente chamamos de machismo, se entrelaçam e se reforçam mutuamente: leis, costumes, universo simbólico, instituições, categorias conceituais, organização econômica, mensagens midiáticas, novelas, filmes etc. (MONTEIRO; NAVARRO, 2002). O feminismo é, portanto, a luta por um direito humano universal e a teoria feminista uma proposta teórica dentro dos estudos de gênero que busca elencar objetos de pesquisa e propor reflexões sobre temas ligados às desigualdades e discriminações sofridas pelas mulheres na busca por igualdade de gênero.

Nessa linha, nosso empenho neste trabalho é evidenciar como artistas visuais mulheres capixabas têm criado narrativas urbanas diversas a fim de contribuir com o enfrentamento à violência contra a mulher em Vitória/ES através da realização do documentário *Riscadas*. A expressão e ocupação feminina no espaço urbano já se configura como ato transgressor, pois historicamente é um local negado à mulher, cujas ações e práticas restringiam-se, em geral, ao espaço privado: “(...) os espaços privados e públicos são vividos diferencial e desigualmente por homens e mulheres, qualificando uns de masculinos e outros de femininos, e por negros e brancos” (RATTS, 2003, p. 1).

O silenciamento feminino no espaço urbano não está presente somente nessa interdição implícita do trânsito de mulheres, também está nas várias manifestações artísticas urbanas, em sua maioria assinadas por homens: pichações, grafites, peças de teatro itinerantes, intervenções artísticas de modo geral. Quando esses trabalhos artísticos são promovidas por mulheres, com suas obras que questionam a exclusão feminina desse espaço e apontam para o enfrentamento à violência física de gênero,



contribuem para a amplificação da reflexão, necessária e urgente, a respeito do tema aqui retratado pelo palco urbano do Centro de Vitória/ES.

O espaço urbano como galeria aberta: processo do filme *Riscadas*

O processo de realização do filme começa a partir da reunião dos dados do Atlas da Violência de 2017, fazendo o recorte para a capital Vitória e coletando as obras das artistas. Segundo a ONU, o Brasil está em 5º lugar entre os países que mais matam mulheres. O Sistema de Informações sobre a Mortalidade (SIM) mostra que 106.093 mulheres morreram vítima de homicídio no país entre 1980 e 2013. A lei Maria da Penha completa 12 anos em agosto deste ano e é uma das medidas de destaque para a proteção de mulheres vítimas da violência doméstica. De acordo com o Atlas da Violência de 2017, o Espírito Santo é o quarto estado que mais mata mulheres no Brasil, ficando atrás de Roraima, Mato Grosso e Goiás. Mesmo o estado não sendo o mais violento, Vitória é a capital que mais mata mulheres negras. Como medida protetiva foi implantado na capital, em abril de 2013, o “Botão do Pânico”, cujo objetivo é ampliar o atendimento às vítimas de violência doméstica. As manchetes dos jornais e coberturas midiáticas sobre o tema também foram observadas, visto que diariamente é possível encontrar matérias e reportagens sobre mulheres que sofreram agressões ou foram assassinadas e percebemos que o termo feminicídio também passou a ser mais utilizado pelos meios de comunicação.

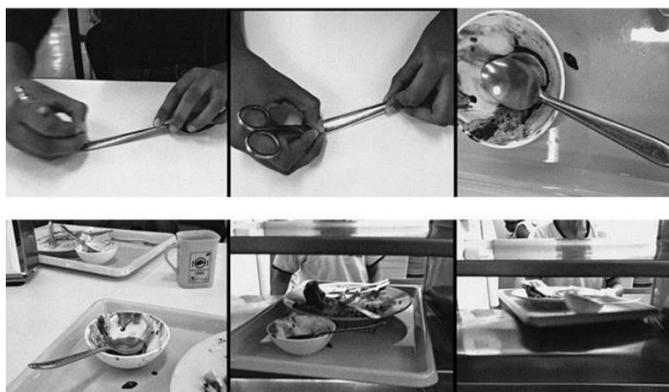
Os dados foram reunidos e os fatos verificados. Todavia, para o filme o objetivo não era apenas falar sobre a violência sofrida pelas mulheres e sim sobre as ações utilizadas como forma de enfrentamento à essas agressões. Entendemos durante o processo de pesquisa do filme que a cidade de Vitória, em especial sua região central, também seria uma das personagens, pois várias obras artísticas espalhadas pela cidade chamam atenção de quem circula pelo espaço urbano da capital. As que não são comuns àquela estrutura (obras assinadas por homens) trazem reflexões acerca do espaço em que estão inseridas. Foi por meio dessas que as artistas presentes no filme foram definidas: Thiara Pagani, Kika Carvalho e Amanda Brommonschenkel. Todas utilizam a arte como forma de enfrentamento à violência contra a mulher e seus trabalhos abrem caminhos para diversos apontamentos que levam a reflexões pertinentes e que foram importantes para a escolha da linha narrativa do documentário.

Thiara é estudante da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e atriz. Como atriz desenvolve a peça “Todas as ruas têm nome de homens” junto com o grupo de teatro Confraria de Teatro, um grupo formado apenas por mulheres. A peça tem como um de seus objetivos ressignificar os espaços do Centro de Vitória e sua ocupação, marcada pela ausência e silenciamento femininos. Também como forma de enfrentamento à violência, Thiara espalha pela cidade o picho “Sozinha uma mulher negra” trazendo como pauta a questão de raça e gênero e da solidão da mulher negra nos relacionamentos afetivos e sexuais.



Thiara Pagani na peça *Todas as ruas tem nome de homem*. Vitória/ES, 2017.

Kika desenvolve trabalhos como grafiteira, faz intervenções artísticas e é criadora da página “Prazer, eu sou o seu Espírito Santo”, em que reúne manchetes de jornais locais que abordam a violência diária sofrida pelas mulheres capixabas. Uma das intervenções de Kika foi a “Meta a colher” em que ela escrevia esta frase em algumas colheres do restaurante universitário da UFES.



Intervenção *Meta a colher*, de Kika Carvalho, no Restaurante Universitário da UFES. Vitória/ES, 2016

Amanda é artista visual, produziu o FEME – Festival de Mulheres no Grafite e o FEMH – Festival de Mulheres no Hip Hop. Suas intervenções focam no enfrentamento à violência contra a mulher e estão espalhadas por diversos lugares de Vitória.



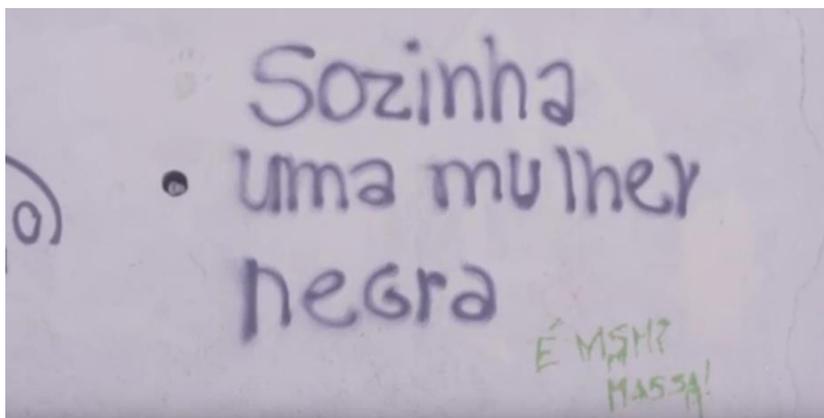
Intervenção de Amanda Brommonschenkel no bairro Itararé, Vitória/ES, 2016.

Após a pesquisa e a definição das personagens, iniciamos a estruturação do roteiro, que se deu a partir de conversas com as artistas e observação do espaço urbano do centro de Vitória. As artistas levam seus trabalhos para a rua e fazem dela sua galeria de arte. Assuntos que antes eram apresentados e difundidos muitas vezes somente pelos veículos de comunicação, agora eram acessados por quem passasse por aquelas ruas, promovendo uma maior visibilidade do trabalhos dessas mulheres em suas propostas de enfrentamento à violência, o que propicia um movimento na contramão do que tradicionalmente acontece quando se estuda arte, já que há uma espécie de apagamento histórico de mulheres artistas nos livros de história da arte.

O centro de Vitória é imagetivamente semelhante à maioria dos centros urbanos brasileiros, sejam de pequeno, médio ou grande porte: está destinado a exibir e enaltecer, seja por meio de bustos e/ou monumentos, figuras masculinas: é comum ver estátuas de homens espelhadas pela cidade. Durante a pesquisa para construção do roteiro encontramos apenas duas que representavam mulheres: Dona Domingas, que foi uma catadora de papel que viveu na capital, cuja imagem fica próxima ao Palácio Anchieta e o busto de Sônia Cabral, pianista fundadora da orquestra Filarmônica do

Espírito Santo, que está localizado dentro do Palácio de Cultura Sônia Cabral, na cidade alta. A estrutura patriarcal manifesta-se também na escolha dos nomes das principais ruas e avenidas da cidade, as quais levam nome de homens em sua maioria.

A narrativa do filme é construída a partir da observação do espaço urbano e dos relatos das próprias artistas. Durante a pesquisa de locações para o documentário observamos a arquitetura, os locais onde estão expostas as manifestações artísticas das personagens e como isso atravessa o cotidiano de quem passa pelo centro da capital. Observamos que as obras – grafites, lambes, intervenções – sofreram algum tipo de interação, principalmente quando se tratavam de temas ligados diretamente ao enfrentamento à violência, seja ela verbal, psicológica ou física, contra a mulher. Isso também entra no filme para fomentar o debate acerca de como essa estrutura patriarcal se incomoda a ponto de intervir em trabalhos que estão no espaço público. O recorte feito pelo filme visa apresentar e promover o trabalho das artistas e aflorar discussões que questionem a estrutura do ambiente urbano.



Intervenção no picho de Thiara Pagani. Vitória/ES, 2017.

Construção do documentário: mulheres, arte e enfrentamento à violência

Riscadas é um filme que tem como cenário o espaço urbano do centro de Vitória, trazendo suas características e evidenciando seus espaços. Para tanto, captamos imagens dos bustos de homens, placas de ruas e praças a fim de ilustrar de maneira imagética o que nos propusemos desde a concepção do projeto. Três dias foram destinados à captação das imagens e entrevistas. Os locais onde ocorreram as entrevistas



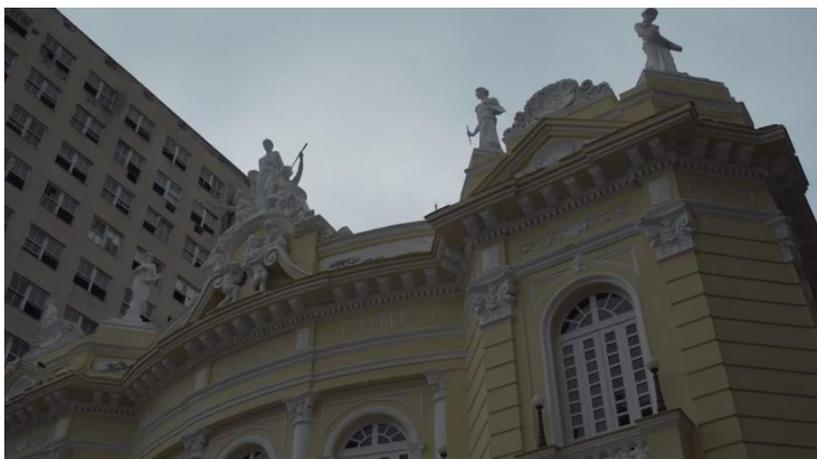
foram escolhidos a partir de dois principais fatores: melhor acústica e maior segurança para a equipe, formada exclusivamente por mulheres, além dos equipamentos de alto valor. Mesmo que cada uma saiba se cuidar e tenha a máxima atenção ao andar pelas ruas do centro e desenvolver seu trabalho da melhor forma possível, o fato de ser um grupo de mulheres andando pelas ruas do centro da cidade, que muitos julgam serem perigosas, já nos torna alvo de possíveis olhares e assédios. Pela pesquisa prévia conseguimos nos precaver de qualquer tipo de imprevisto que pudesse ocorrer, ainda assim mantivemos nossa atenção redobrada.

Escolhemos uma escadaria, que é um elemento presente em várias ruas do centro da Cidade, para ser a locação principal das entrevistas, a Escadaria Acyr Guimarães. Essa escadaria fica bem próxima à praça Costa Pereira e nos servia como base para as outras locações. Traçamos uma rota que fosse segura e funcional para todos os dias de filmagens: as entrevistas e depoimentos foram feitos em dias específicos para cada artista na escadaria e todas gravadas na Acyr Guimarães; a captação das imagens de apoio (obras das artistas, grafites e lambes, cenas do cotidiano urbano, bustos nas praças, trânsito, movimento de pedestres nas ruas, prédios) foram realizadas em locais previamente escolhidos durante a pesquisa e divididas entre as três diárias de gravação; as intervenções urbanas foram feitas pelas artistas em um único dia.

A captação dos sons característicos do centro urbano da capital foi de extrema importância para a construção da narrativa. A maneira como esses sons se propagavam durante diferentes horários do dia, fez com nós nos atentássemos ao que acontecia ao nosso redor. Vendedores ambulantes, pastores, ambulâncias, carros, navios no porto de Vitória, trânsito carregado nos horários de pico e até mesmo as badaladas do sino da Catedral Metropolitana de Vitória nos chamaram a atenção e foram sons captados para serem utilizados posteriormente.

Durante as diárias captamos muitas imagens que ilustrassem o centro da cidade para que fosse possível situar quem não conhece a capital do Espírito Santo. Reunimos as imagens de diversas estátuas em diferentes pontos do centro de Vitória e nomes das placas das ruas para que pudessem incorporar a narrativa. No processo de pós-produção, momento em que demos forma a tudo o que foi pensado durante a pré-produção e gravação do filme, pudemos fazer o recorte do que julgamos ser o mais importante para a narrativa que nos propusemos construir. Para a ambientação do expectador começamos o filme apresentando espaço em que queremos que ele mergulhe nos 13 minutos de narrativa que o documentário decorre: o Morro do Penedo é a imagem que

abre o filme e nos encaminha direto para o centro da capital. A partir daí, os planos de prédios imponentes da cidade entram para construir a narrativa e caracterizar o espaço urbano, intercalados aos sons e imagens do trânsito. Em *off*, uma fala que é ouvida mas que não há uma pessoa na tela dizendo aquelas palavras, são ouvidos os relatos das artistas, momento em que elas começam a expor sua relação com aquele espaço.



Fachada do Teatro Carlos Gomes. Vitória - ES, 2017.



Busto do Desembargador Afonso Claudio, Praça Costa Pereira. Vitória - ES, 2017.

A intenção é deixar evidente para o espectador que a cidade também é uma personagem e por isso foi realizada a exploração de diversos elementos, porém deixamos de fora algumas estátuas para que não se tornasse um filme apenas sobre o centro urbano. O filme transita entre as obras das artistas espalhadas pela cidade, os arranjos arquitetônicos que as rodeiam e como estas intervenções dão a essas e outras mulheres o direito de estarem presentes naquele local. Os depoimentos das artistas

entram em momentos pontuais onde a narrativa das imagens acompanham suas falas.

Amanda Brommonschenkel afirma em trecho do documentário *Riscadas*:

Eu acho que hoje em dia a gente tá acostumada a ver tantas imagens que a gente não está preocupada em interpretar, às vezes, o que a gente tá vendo. A sociedade manifesta um incômodo porque as pessoas estão escrevendo, mas eu acho que eu não sei se as pessoas param pra pensar porque essas mensagens estão aparecendo, entende?



Still do documentário *Riscadas*. Vitória/ES, 2018.

Os depoimentos das artistas foram imprescindíveis para a construção da linha narrativa do documentário. Os relatos sobre suas relações com o centro urbano da capital, a maneira que os espaços as afetam, assim como suas obras afetam os espaços e também forma que as interferências em suas obras as afetam de volta. O que nos chama atenção em seus depoimentos é que, de certa forma, a interferência em seus trabalhos as agrada, porque assim é uma forma saber que seus questionamentos foram vistos e incomodaram tanto a ponto de quererem apagá-los. Na cidade que mais mata mulheres no Brasil e a que mais mata mulheres negras apagar uma intervenção artística feita por e para mulheres diz muito a respeito do espaço opressor e patriarcal em que vivemos.

O filme termina com questionamentos das artistas sobre onde foram parar as mulheres artistas, diretoras e escritoras dos livros escolares e suas falas são cobertas por intervenções feitas durante as gravações do filme. Intervenções essas que servem para narrar e continuar histórias de outras mulheres, bem como das próprias artistas.



Still do documentário *Riscadas*. Vitória/ES, 2018.

Considerações finais

O crescente número de mulheres em situação de violência no Brasil, um dos piores países da América Latina para se nascer menina, em especial devido aos níveis extremamente altos de violência de gênero, é um fenômeno que demanda reflexão e ação. Nós, mulheres, somos marcadas por um cotidiano de silenciamento e invisibilidade que vivemos diariamente ao transitarmos pelos espaços públicos das cidades e sofremos violências das mais diversas, sejam elas físicas ou simbólicas. E nesse cenário, Vitória, capital do Espírito Santo e cidade que elegemos como palco urbano de nossa pesquisa acadêmica e prática artística com a realização do documentário *Riscadas*.

O conceito de invisibilidade é central quando se trata das mulheres e da teoria feminista. O movimento recente, ou a chamada terceira onda do feminismo, exige, como uma de suas pautas, visibilidade e inserção das mulheres em todos os espaços que tanto histórica quanto socialmente nos foram negados – a rua, a escola, o bar, a política. E quando se trata do espaço urbano é urgente que possamos ocupá-lo, transitar por ele sem medo e nos identificarmos com os nomes, bustos e monumentos presentes ali, ou seja, tornar esses espaços representativos e convidativos para nós, mulheres.

Acreditamos que o audiovisual é uma narrativa potente para a construção dessa visibilidade. Inseridos em uma sociedade em que o aparato audiovisual está presente em praticamente todos os ambientes públicos e privados, desde a tv na sala ou nos quartos da maioria das casas até o telefone celular sendo manuseado em transportes coletivos, escolas e hospitais. Dessa forma, investir na realização de um documentário sobre mulheres artistas que expõem suas obras no espaço urbano e através delas contribuem para o enfrentamento à violência física de gênero foi a forma que encontramos, e aqui falamos por toda a equipe do filme, de contribuir para que esse enfrentamento possa

chegar a plateias que possivelmente pouco pensaram acerca da questão abordada em *Riscadas*. E assim destacamos que no contexto brasileiro, no qual acredita-se que “lugar de mulher é na cozinha”, nós acreditamos que há muito a ser feito, seja no ambiente acadêmico ou não, para garantir que haja a liberdade de ir e vir sem correr o risco de sofrer violências e a representatividade de mulheres no espaço público.

Referências

Anistia Internacional. **Informe 2016/2017**: o estado dos direitos humanos no mundo. Tradução: Verve Traduções. Rio de Janeiro: Grafitto Gráfica e Editora Ltda, 2017.

BUGNI, Renata Porto. **Políticas pública para as mulheres no Brasil**: análise da implementação da política de enfrentamento à violência contra as mulheres em âmbito nacional e municipal. Dissertação de mestrado. São Paulo: 2016.

FBSP. **Visível e Invisível**: a vitimização de mulheres no Brasil. São Paulo: 2017.

Mapa da violência 2017. Ipea, FBSP. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf>.

MONTERO GARCÍA-CELAY, M^a Luisa, NIETO NAVARRO, Mariano. **El patriarcado**: una estructura invisible. Julho de 2002. 11 páginas. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/88485809/El-Patriarcado-Estructura-Invisible>>. Acesso em: 23/06/2017.

RATTS, A. J. P. Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras. **ANAIS DO 27º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**. Anais. Caxambu: ANPOCS, 2003a.

ART AND COPING WITH VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE URBAN SPACE OF VITÓRIA/ES:

THE DOCUMENTARY *RISCADAS*

Abstract: We propose in this article a reflection on the female activism of women visual artists in relation to the confrontation with violence against women in Vitória/ES. For this it starts from the analysis of the creative process and of realization of the documentary *Riscadas*, of our authorship. In the film, the resilient act of permanence of female bodies in front of the structures and public spaces of the city, the forms of possible spatial exclusions and the act of being a woman in an urban space are revealed

through the artistic work of three capixabas visual artists, in a not inviting space to us, through the proposal to combat violence against women presented by the artists in their productions.

Keywords: Female activism; Visual arts; Documentary; Violence against women.

Recebido em: 07/09/2018

Aceito em: 19/10/2018



REBEH

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA